

MAPEANDO A *POIESIS*

Trajetórias conceituais para um outro habitar possível no Capitaloceno

MAPPING POIESIS
Conceptual trajectories toward another possible mode of inhabiting in the Capitalocene

Carolina Akemi Martins Morita Nakahara¹
e Livia Nobre Baldochi²

Resumo

Este artigo, derivado de uma pesquisa em andamento, investiga como o debate em torno da *poiesis* — entendida como forma específica de produção do espaço articulada ao habitar — tem permeado discussões acadêmicas contemporâneas orientadas pela construção do habitar *poiético*, dimensão fundamental do direito à cidade lefebvriano. A pesquisa se justifica pela renovada urgência do direito à cidade, sobretudo diante dos efeitos da crise urbano-financeira de 2008 e de seus desdobramentos sobre as condições de vida urbana. Metodologicamente, recorre-se à Revisão da Literatura (RL) e ao mapeamento da produção recente em A&U que coloca a *poiesis* em evidência. Espera-se que os resultados contribuam para o desenvolvimento de instrumentos críticos e projetuais, bem como para o aprofundamento do debate acerca das possibilidades contemporâneas de apropriação e produção social do espaço diante dos desafios e crises da era capitalocênica.

Palavras-chave: *Poiesis*; habitar; direito à cidade; Revisão da Literatura.

Abstract

This article, derived from an ongoing research project, investigates how the debate surrounding poiesis — understood as a specific form of space production articulated with dwelling — has permeated contemporary academic discussions oriented towards the construction of poetic dwelling, a fundamental dimension of Lefebvre's right to the city. The research is justified by the renewed urgency of the right to the city in light of the effects of the 2008 urban-financial crisis and its repercussions on urban living conditions. Methodologically, a Literature Review (LR) and a mapping of recent production in Urban Planning and Development (A&U) that highlights poiesis are employed. It is hoped that the results will contribute to the development of critical and design tools, as well as to deepening the debate about contemporary possibilities for the appropriation and social production of space in the face of the challenges and crises of the Capitalocene era. Keywords: Poiesis; inhabiting; right to the city; Literature Review.

¹ Professora Doutora no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP), na área de concentração Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. Graduada em Arquitetura e Urbanismo (EESC-USP, 2008) e Filosofia (FFLCH-USP, 2021), ambos pela Universidade de São Paulo. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU-USP (2011) e Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP (2021).

² Graduanda em Ciência da Computação (ICMC-USP). Desenvolve pesquisa interdisciplinar em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo, tendo cursado Arquitetura e Urbanismo no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP, 2023-2025).

Introdução: do habitat ao habitar como poeta

Hoje, a crítica à ortodoxia moderna encontra aporias em suas diversas vertentes e se vê agravada pela crise das cidades, sobretudo em países como o Brasil, após a crise econômica de 2008 e a crise sanitária deflagrada em 2020 com a COVID-19. A intensificação da miséria, da precariedade e da segregação espacial, somada ao contínuo enxugamento do papel do Estado, compõe um quadro de esgotamento das estratégias do campo disciplinar da Arquitetura e do Urbanismo (A&U) de produção do espaço urbano. Observa-se, por um lado, uma diluição das práticas arquitetônicas nas esferas de reprodução da vida cotidiana, seja pelo pragmatismo das propostas que se anunciam como participativas, seja pela burocratização e juridificação de seus processos. Por outro lado, o desencantamento do mundo instaurado pela modernidade parece ter deixado como horizonte crítico dominante apenas a via econômica: de um lado, a produção, orientada por um pensamento funcional e utilitário ainda tributário da mentalidade industrial-empresarial; de outro, o consumo, cuja lógica se articula à comunicação de massa em diferentes expressões do que se convencionou chamar pós-moderno. Em ambos os casos, permanecem insuficientes os instrumentos disciplinares capazes de sustentar uma prática transformadora em A&U, bem como uma metodologia crítica apta a apreender os processos espaciais vigentes.

Diante desse esvaziamento generalizado de sentidos que não remetam, por caminhos diversos, à produção econômica ou ao valor de troca, este trabalho apresenta a reflexão de que a *poiesis* e a criação po(i)ética podem abrir horizontes para uma autocrítica e para uma transformação ainda necessárias.³ Considerando os diversos níveis e dimensões de produção do espaço formulados por Henri Lefebvre — da escala micro do habitar, atravessando o cotidiano, a cidade e o urbano, até a escala macro do território — identificamos na *poiesis* o potencial de constituir uma chave metodológica para análise, compreensão e, sobretudo, proposição transversal a essas múltiplas formas de produção do espaço, orientando práticas espaciais contra-hegemônicas e alternativas ao Capitaloceno. Essa abordagem se alinha ao projeto lefebvriano exposto em *La Production de l'espace* (2000 [1974]), entendido como uma tentativa de articular teoria, prática, política e proposição — no sentido de abrir caminhos e métodos de atuação. Assim, o conhecimento deixa de ser mera descrição ou inventário do real, ou mesmo crítica isolada, para tornar-se investigação continuamente voltada à identificação de pontos possíveis de inserção no presente: a teoria é, ela própria, criativa.

Como sugerido por (Nakahara, 2021), ao recuperar a radicalidade dos sentidos marxianos de apropriação e produção — em contraste com o *habitat*, entendido como um dado morfológico-funcional vinculado à propriedade privada — a *poiesis*, ou o habitar *poiético*, poderia apontar para a possibilidade do espaço diferencial e do devir lefebvrianos. As principais referências para essas indagações encontram-se em *O direito à cidade* (2016a, p. 24) e *A revolução urbana* (2008a, p. 79), obras nas quais Henri Lefebvre sugere o “habitar como um poeta”. Tal discussão é complementada por outras obras (p. ex., Lefebvre 1972; 1978a; 2000; 2016b). Como mostra o próprio Lefebvre, esse sentido de *poiesis* apresenta fundamentos diretos em Heidegger (e.g., 2001; 2012a; 2012b), mas também em Nietzsche (1992). No entanto, como enfatiza o próprio Lefebvre, quando relacionada à *práxis* e entendida como possibilidade de ruptura, a *poiesis* aproxima-se igualmente dos sentidos de produção e de apropriação

³ Aqui, são apresentados resultados parciais do Projeto de Pesquisa “*Poiesis*: apropriação e produção do espaço por meio da participação”, desenvolvido pela docente Carolina Akemi Morita Nakahara no IAU-USP, bem como de duas pesquisas de Iniciação Científica sob sua orientação: “O conceito da *poiesis* no debate sobre o habitar contemporâneo” (realizada com bolsa PUB-USP) e “A linguagem poética: um diálogo entre Octavio Paz e Henri Lefebvre” (realizada com apoio da FAPESP, Processo nº 2024/20864-4), ambas desenvolvidas pela graduanda Livia Nobre Baldochi.

presentes em Marx. Assim, “em que pese essa crítica ‘poética’ do ‘habitat’ e do espaço industrial poder ser considerada como uma crítica de direita, nostálgica, ‘passadista’, ela não deixou de inaugurar a *problemática do espaço*” (Lefebvre, 2008 [1970], p. 78-79, grifos nossos).

Habitar pressupõe a *poiesis* – um modo de fazer e de produzir que implica a apropriação, o senso de pertencimento – daí a relação com a memória, com o imaginário, com o lúdico. Ao mesmo tempo, a *poiesis*, em Lefebvre, tem o potencial de articular os diversos níveis de realidade – arte, arquitetura, cidade – por meio do habitar. Com efeito, para o filósofo, a arquitetura e o urbanismo pertencem a dois níveis da realidade social distintos, porém, não cindidos, mas, sim, relacionados e articulados. E, embora a arquitetura e a arte não produzam o habitar em sua totalidade, isso não quer dizer que não possam criar ou oferecer aportes para que o habitar se instaure, mesmo que momentaneamente, uma vez que “a arte pode preparar ‘estruturas de encantamento’” e que “o futuro da arte não é artístico, mas urbano” (Lefebvre, 2016a, p. 134). O habitar não se restringe à casa – ao *habitat* – mas expande-se para a cidade, para a concretude da vida urbana. Nesse sentido, compreender e recuperar a potência da *poiesis*, como propõe este projeto, significa esclarecer nosso próprio modo de habitar o mundo.

A *poiesis* nas teorias de Arte, Arquitetura e Cidade

Alfredo Bosi, em *Reflexões sobre a Arte* (1985), ao discutir as diversas dimensões da produção artística, destaca a *poiesis* como uma de suas principais, pois, sendo uma “produção”, implica trabalho – um “movimento que arranca o ser do não ser, a forma do amorfo, o ato da potência, o cosmo do caos” (Bosi, 1985, p. 13). Como se sabe, historicamente, a noção de *poiesis* remonta a Aristóteles (384–322 a.C.), especialmente na sua obra seminal e frequentemente mal compreendida, *Poética* (2017). Em sentido aristotélico, o gesto poético consuma um fazer que retoma e revive o mito, introduzindo passagem e transformação.

Johan Huizinga, em seu célebre e influente *Homo Ludens* (2019 [1938]) – que marcou profundamente autores como Walter Benjamin e o próprio Henri Lefebvre –, compreende o jogo como atividade relacionada à linguagem criadora e distinta da racionalidade lógica e científica dominante. O jogo envolve “um sentimento de tensão e de alegria e uma consciência de ser diferente da ‘vida cotidiana’” (Huizinga, 2019 [1938], p. 35–36). Sugere também o riso, o gesto jocoso, a dança; por isso, configura uma criação poética, pois:

A *poiesis* é uma função lúdica. Ela se exerce no interior da região lúdica do espírito, num mundo próprio para ela criado pelo espírito, no qual as coisas possuem uma fisionomia inteiramente diferente da que apresentam na ‘vida comum’, e estão ligadas por relações diferentes das da lógica e da causalidade. Se a seriedade só pudesse ser concebida nos termos da vida real, a poesia jamais poderia elevar-se ao nível da seriedade. Ela está para além da seriedade, naquele plano mais primitivo e originário a que pertencem à criança, o animal, o selvagem e o visionário, na região do sonho, do encantamento, do êxtase, do riso (ibid., 157).

Para Huizinga, o lúdico e a *poiesis* apontam para uma renúncia à razão esclarecida e à lógica instrumental; por isso, ambas as noções relacionam-se estreitamente – ainda que não coincidam – com a ideia de mito, o qual assume um estatuto concreto, sensível e real, não apenas imaginário. Mais uma vez, tais reflexões, ao estimularem a imaginação criadora, indicam uma via a ser explorada, como sugere Lefebvre na introdução de *De lo rural a lo urbano* (1978a), dentro de uma matriz essencialmente marxiana. Não obstante, apesar da importância da *poiesis* para o entendimento do sentido do habitar, os trabalhos no campo da A&U que abordam explicitamente esse conceito continuam notavelmente escassos.

De fato, é nas disciplinas filosóficas (especialmente a Estética) e na teoria da arte – que fornecem sustentação às discussões do campo da A&U – que se encontra um amplo conjunto de reflexões sobre o alcance e os limites da arte, suas possibilidades de ruptura e suas regras. Nesse percurso, a *poiesis* figura como elemento central da produção artística; entretanto, com frequência permanece circunscrita ao contexto técnico-poético da Antiguidade, com reduzido desdobramento no debate crítico contemporâneo da A&U. Assim, embora tais obras evidenciem a dimensão disruptiva e transformadora da *poiesis*, sua análise permanece restrita ao período clássico, exercendo pouca influência sobre a teoria e a prática arquitetônica atuais.

Importa assinalar, ainda, que boa parte desses estudos provém de campos teóricos complementares – como literatura e filosofia – e não do próprio campo disciplinar da A&U. Entre os poucos autores específicos da área que aprofundam a relação entre habitar e poética, destacam-se Kenneth Frampton (1996 [1974]) e textos reunidos na antologia de Kate Nesbitt (1996), especialmente os de Christian Norberg-Schulz (1996a [1976]; 1996b [1983]). O arquiteto mexicano Alberto Pérez-Gómez, em seu emblemático *Architecture and the Crisis of Modern Science* (1983), também merece destaque nesse debate, ao defender a urgência de uma (re)articulação entre arquitetura e poesia, em contraposição ao pensamento estritamente racional e lógico, sem, contudo, desenvolver de modo sistemático a noção de *poiesis* enquanto categoria operatória para o campo.

Ao mesmo tempo, é inegável a emergência de um movimento recente que indica uma maior aproximação da A&U em direção a esse conceito. Como indicativos dessa tendência, destacam-se, no Brasil, as pesquisas de Artur Rozestraten (2017; 2020), ao investigar as relações entre imaginário, sentido e criação poética; e, internacionalmente, o trabalho de Simina Anamaria Lörincz (2024), como um dos raros esforços teórico-conceituais voltados ao aprofundamento da *poiesis* enquanto categoria de reflexão para a arquitetura.

Diante dessas lacunas, este trabalho busca evidenciar a permanência de aporias tanto em torno do conceito de habitar como dimensão do direito à cidade lefebvriano – frequentemente mais defendido do que compreendido – quanto do fato de que a noção de *poiesis*, central para essa compreensão, demanda maior esclarecimento conceitual e maior atenção quanto às suas repercussões teóricas e críticas no campo da A&U. O objetivo consistiu em identificar, a partir de uma Revisão da Literatura e do subsequente mapeamento e metrficação dos resultados, as relações entre o conceito de *poiesis* e a produção no campo ampliado da arte e, mais especificamente, nos debates críticos em A&U. Pretende-se, assim, enfatizar as possibilidades e dimensões da *poiesis* na cidade e no urbano, contribuindo para uma compreensão ampliada do habitar, tanto em termos teóricos quanto no sentido de indicar novas metodologias projetuais no campo. Com isso, acredita-se que o conceito de *poiesis* possa revelar-se como matriz alternativa para uma produção urbana centrada no habitar – alternativa que se justifica em especial diante da emergência da crise das cidades, particularmente aguda em contextos do Sul Global, como o Brasil.

Procedimentos metodológicos

A principal abordagem metodológica adotada neste artigo é a Revisão da Literatura (RL) – tanto sistemática (RSL) quanto narrativa (RNL) –, conforme utilizada em trabalhos de referência desta pesquisa (p. ex., Medrano et al., 2017). A RSL segue critérios de filtragem voltados à relação entre a *poiesis*, seus conceitos afins e/ou correlatos e seus sentidos e alcances na produção do espaço urbano – seja na arquitetura e no desenho urbano, seja no campo ampliado da arte. Como sintetiza Neves (2017, p. 141), “RSLs são estudos secundários com vistas a mapear, encontrar, avaliar criticamente, consolidar e agregar os resultados de estudos primários relevantes sobre um tópico específico de pesquisa, bem como identificar lacunas a serem preenchidas”.

Por meio da RSL, busca-se abordar o recorte disciplinar de forma ampla e sistemática, identificando sobretudo como o conceito de *poiesis* tem sido mobilizado no debate contemporâneo em A&U. O levantamento bibliográfico abrange exclusivamente artigos científicos publicados entre 2008 e 2025, de modo a evidenciar as discussões produzidas após o auge do ciclo neoliberal, iluminando abordagens que tratam a *poiesis* como alternativa conceitual e prática diante dos desafios do urbano no Capitaloceno – período marcado, para esta pesquisa, pela crise urbano-financeira de 2008.

Para selecionar os trabalhos pertinentes ao conjunto de questões teórico-conceituais da pesquisa – isto é, publicações que empregam o conceito de *poiesis* no âmbito disciplinar da A&U – os resultados passaram por uma sequência de triagens: avaliação de relevância, leitura de títulos, análise e exclusão de duplicatas. Em seguida, selecionaram-se os **cinco** resultados mais relevantes de cada busca associada aos termos definidos a partir da pesquisa teórica em andamento. Para essas referências, procedeu-se à leitura dos resumos ou *abstracts* e, quando necessário, das introduções e conclusões (cf. Dresch; Lacerda; Antunes Jr., 2015, apud Medrano et al., 2017).

Essa etapa destinou-se a identificar conexões e recorrências temáticas, bem como os limites e as possibilidades de mobilização do conceito de *poiesis* na literatura contemporânea. Mais do que expor quantitativamente os resultados, buscou-se confrontá-los com a base teórica inicial, permitindo uma leitura crítica e interpretativa dos trabalhos selecionados. A partir desse cotejamento, objetivou-se compreender o papel da *poiesis* na formulação do habitar poético em Lefebvre, entendendo-a como dimensão capaz de articular criação, apropriação e transformação do espaço, e, quando possível, apontar contribuições metodológicas e teóricas para pensar suas possibilidades contemporâneas no campo da A&U.

Para a realização da RSL, foram selecionados os portais de busca *Scopus* e *Web of Science*. Utilizou-se a função de busca avançada com a estratégia “assunto [título/abstract/palavras-chave] contém ‘*poiesis*’ E ‘[termo associado à A&U]’”. Os termos empregados – “*Architecture*”, “*City*”, “*Inhabit*” e “*Dwell*” – derivam da investigação teórico-conceitual em curso sobre *poiesis* e apropriação em Henri Lefebvre, orientada pela hipótese da *poiesis* como alternativa conceitual e metodológica promissora no contexto do Capitaloceno. A busca resultou em **89 referências**, importadas para o gerenciador Mendeley e posteriormente transferidas para o software VOSviewer, no qual foram realizadas análises de co-ocorrência e gerados mapas de redes, sobreposições ou densidades de palavras-chave presentes nos trabalhos selecionados.

Além desse levantamento inicial, foram aplicados filtros sucessivos para qualificar o *corpus* da pesquisa. Partindo de um número inicial de 1.848 referências identificadas com a aplicação do termo “*poiesis*” como descritor principal, a complementação temporal (de 2008 a 2025) reduziu o conjunto para 1.478 publicações. Em seguida, ao combinar “*poiesis*” com cada termo associado à A&U, obtiveram-se os seguintes

resultados: 44 artigos para “*Architecture*”, 49 para “*City*”, 24 para “*Inhabit*” ou “*Dwell*”. Após a remoção de duplicações entre bases e descritores, o total consolidado correspondeu a 89 publicações. Esses dados forneceram o ponto de partida para as análises bibliométricas subsequentes, bem como para a delimitação do material que embasou a leitura qualitativa integrada.

Cartografia bibliométrica da *poiesis*: distribuição geográfica e temporal

Para a análise quantitativa da amostra selecionada, foi elaborado um conjunto de gráficos que sintetizam os principais padrões identificados. O Gráfico 1 apresenta a distribuição geográfica das referências provenientes da revisão sistemática realizada nas bases *Web of Science* e *Scopus* (Graf. 1).

Observa-se que Brasil e Estados Unidos concentram as maiores proporções de publicações, seguidos por Colômbia, Portugal e Reino Unido. Em faixas intermediárias ou minoritárias surgem países como África do Sul e um conjunto amplo de nações representadas por pequenas parcelas – Espanha, Romênia, Polônia, Israel, França, China, Canadá, Austrália, Alemanha e Suíça.

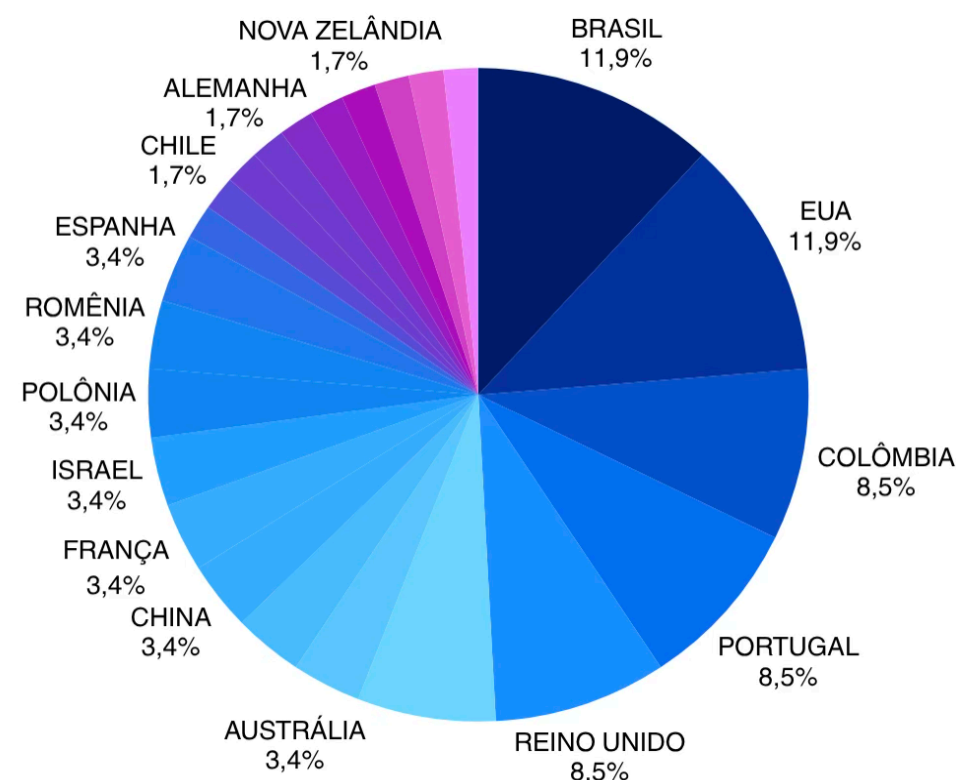
Tal configuração revela, simultaneamente, a persistência de desigualdades estruturais na produção científica global e a diversidade de contextos socioespaciais presentes no debate. Do ponto de vista socioespacial, destaca-se a predominância de países do Norte Global (EUA, Reino Unido, Canadá, França, Suíça, Alemanha, Austrália), o que confirma um padrão já amplamente discutido na literatura: regiões historicamente dotadas de infraestrutura científica robusta, maior financiamento, redes acadêmicas consolidadas e inserção privilegiada em circuitos editoriais tendem a ocupar posição central na circulação do conhecimento. Essa assimetria não apenas se reflete no volume de publicações, mas também influencia a definição de agendas de pesquisa, abordagens metodológicas e critérios de legitimação epistemológica.

A presença significativa do Brasil e da Colômbia – ambos países do Sul Global – revela, por outro lado, que determinadas temáticas, possivelmente associadas às áreas sociais, ambientais e territoriais, têm ganhado densidade em regiões marcadas por desigualdades históricas, conflitos socioambientais e intensas transformações espaciais. Essa participação expressiva indica um movimento de fortalecimento da produção local que, embora ainda enfrente assimetrias estruturais em relação ao Norte Global, começa a disputar espaços de visibilidade acadêmica. Nesse sentido, o gráfico pode ser interpretado como um indício de um campo de estudos no qual questões emergentes em países periféricos e semiperiféricos tornam-se progressivamente centrais, mobilizando pesquisadores e atraindo maior atenção internacional.

Outro aspecto relevante é a presença fragmentada de países com porcentagens reduzidas (3,4% e 1,7%). Essa dispersão sugere que, apesar da concentração dominante, existe uma abertura internacional do debate, que passa a abarcar diferentes contextos sociopolíticos e espaciais. No entanto, a baixa representatividade também pode refletir limitações estruturais persistentes: menor financiamento para pesquisa, reduzida inserção em redes globais, barreiras linguísticas e dependência de agendas científicas formuladas em centros hegemônicos. Assim, a diversidade aparente não suprime a desigualdade efetiva na distribuição global do conhecimento.

Em síntese, a análise permite investigar as dinâmicas socioespaciais que configuram o campo: os centros tradicionais de pesquisa continuam exercendo forte influência na definição das agendas, enquanto países do Sul, embora presentes e relevantes, ainda enfrentam obstáculos para consolidar sua participação. A leitura socioespacial dessa

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS PUBLICAÇÕES

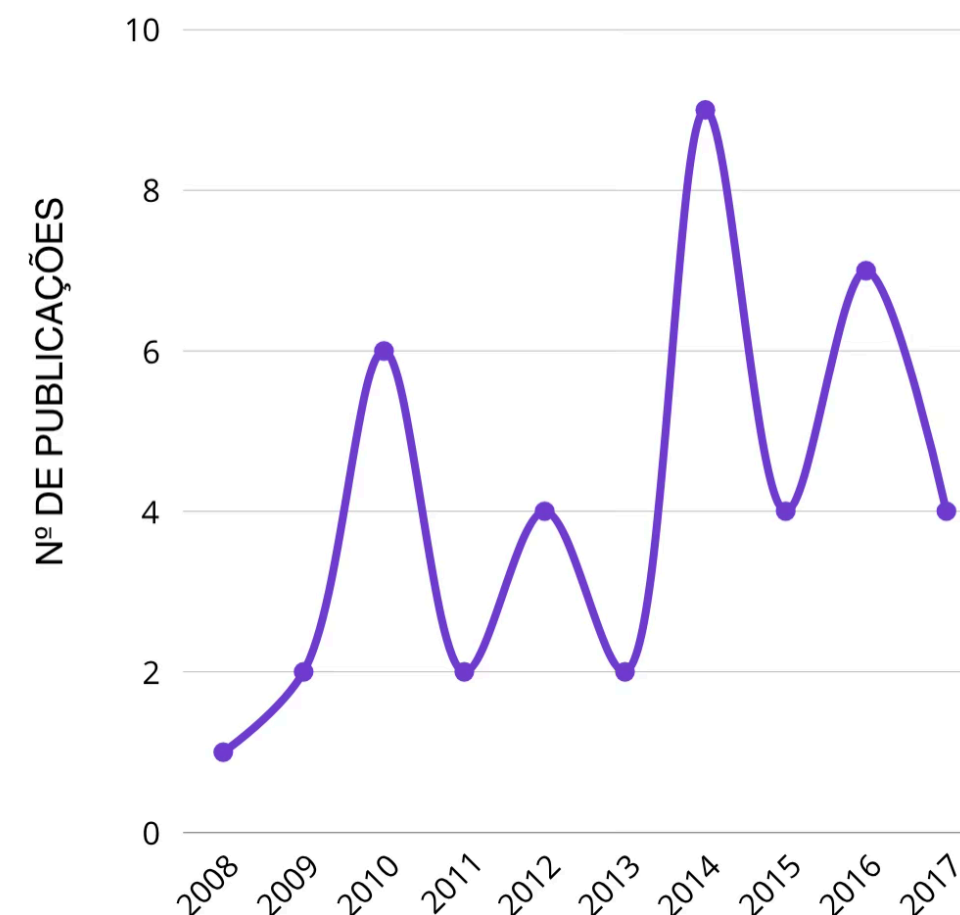


distribuição evidencia não apenas *quem produz*, mas *sob quais condições estruturais* – materiais, institucionais e epistemológicas – essa produção se torna possível e quais desigualdades persistem na tessitura global da academia (Graf. 2).

O gráfico referente ao número de referências por ano, quando interpretado à luz do recorte temporal iniciado em 2008 – marco da crise urbano-financeira global – permite uma leitura que evidencia como determinados debates emergem, se intensificam e se reconfiguram conforme transformações socioeconômicas mais amplas. Embora os dados pareçam, à primeira vista, relativamente distribuídos ao longo do período analisado, observa-se um padrão dinâmico que acompanha, mesmo que indiretamente, os desdobramentos da crise e suas reverberações nos campos urbano, arquitetônico e filosófico.

Nos anos imediatamente posteriores ao colapso de 2008 (2008–2011), nota-se um movimento ascendente, sobretudo até 2010. Esse crescimento sugere que, à medida que a crise expôs as fragilidades estruturais do urbanismo neoliberal, da financeirização do espaço e das arquiteturas orientadas pelo mercado, emergiu um interesse renovado por abordagens críticas. É justamente nesse período que noções como *poiesis*, práticas urbanas alternativas, *autopoiesis* social e teorias da produção do espaço reaparecem com força na literatura internacional. Os dados levantados para este ensaio corroboram essa tendência: aproximadamente 80% das referências disponíveis nas bases consultadas – em levantamentos que dispensaram o filtro temporal – foram publicadas após 2008, indicando que as fissuras evidenciadas pela crise impulsionaram a busca por alternativas conceituais e metodológicas.

O salto registrado em 2014 – ponto mais elevado do gráfico – sinaliza uma fase de consolidação desses debates. Esse pico coincide com um momento em que diversas cidades ainda lidavam com efeitos tardios da crise: austeridade urbana, novas formas de

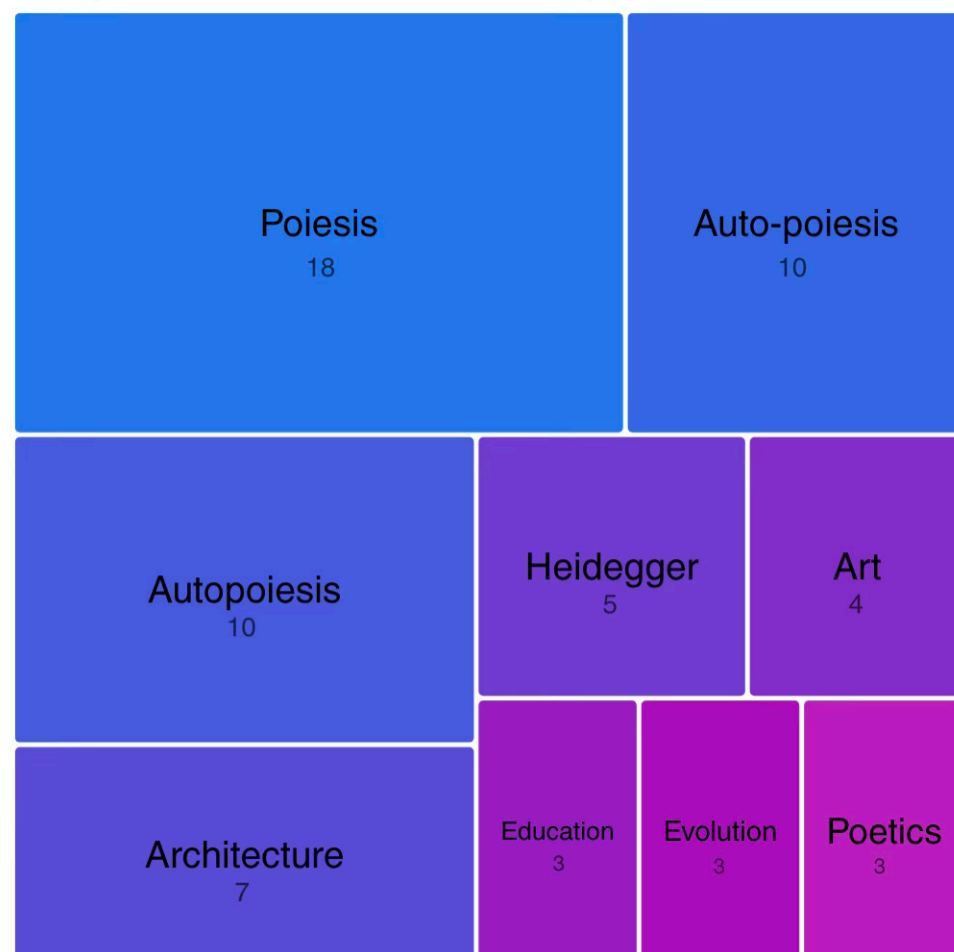


especulação imobiliária, reconfigurações socioespaciais, emergência de movimentos sociais e rediscussão dos modos de viver, usar e produzir a cidade. Nesse contexto, é possível inferir que pesquisas envolvendo poiesis, arquitetura crítica, urbanismo tático, práticas de resistência e teorias sistêmicas tenham se articulado de maneira mais intensa. A produção acadêmica do período reflete, assim, um esforço de revisão e reinvenção do papel da criação, da prática e da reflexão teórica diante de um cenário urbano significativamente transformado.

Constelações conceituais da poiesis: recorrências, sentidos e articulações

A partir desse levantamento inicial, com a aplicação dos filtros indicados anteriormente, tornou-se possível analisar criticamente os termos mais recorrentes associados à poiesis nos trabalhos pré-selecionados. Primeiramente, foram examinadas as palavras-chave apresentadas pelos artigos. O Diagrama 1 e o Gráfico 3 expõem esses termos de acordo com sua predominância (Diag. 1 e 2).

A partir do conjunto de trabalhos identificados que de fato elaboram a *poiesis* em seus conteúdos, examinou-se quais deles incluem o termo no rol de suas palavras-chave. A análise dessas palavras-chave, articulada a um primeiro contato com o escopo teórico das referências, permitiu identificar alguns eixos conceituais que estruturam o campo de debate delineado pela revisão sistemática. A ampla predominância de “*poiesis*” – destacando-se muito acima dos demais termos – confirma a centralidade das discussões em torno da criação, da produção de sentido e do agir humano enquanto um fazer que ultrapassa o âmbito estritamente técnico. Isso reforça a consistência do corpus: trata-se, de fato, de uma produção que se reconhece, se organiza e se legitima em torno desse conceito. Em termos filosóficos, “*poiesis*” abre debates que vão da ontologia da criação – especialmente em diálogo com a tradição grega – às reflexões

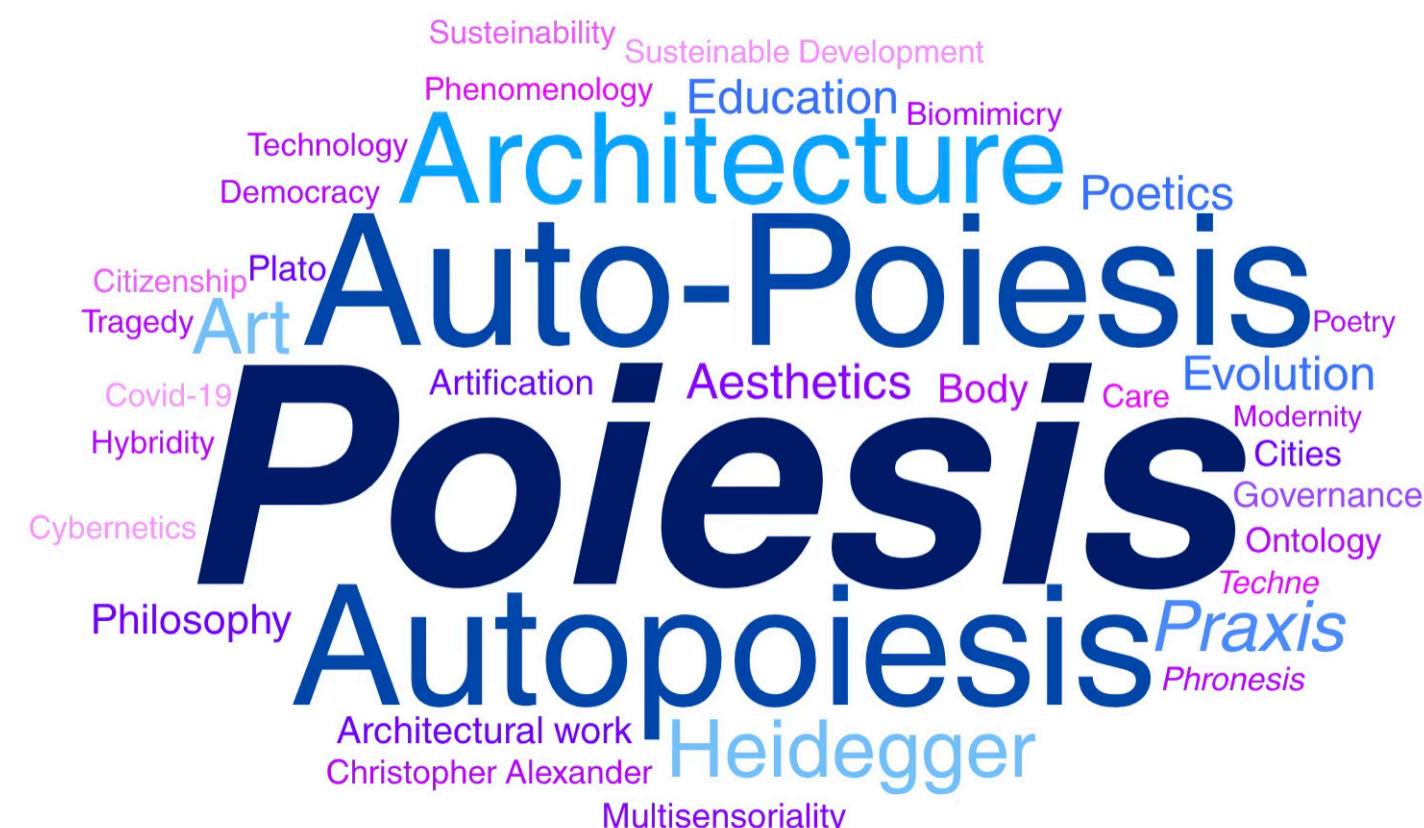


contemporâneas que compreendem sistemas, coletividades e modos de existência como produtores de mundos.

Mesmo após as filtragens com termos relacionados à A&U, a notável presença de “*autopoiesis*”, “*auto-poiesis*” e variantes indica que o conjunto de textos se aproxima de discussões sobre sistemas auto-organizativos. O que não deixa de ser um indicativo curioso, com trabalhos que extravasam o campo disciplinar da A&U e apontam para campos associados a áreas biológicas, a despeito dos filtros inicialmente aplicados. Com efeito, o conceito, originado em Maturana e Varela (1980) e posteriormente expandido em teorias sociais e filosóficas, permite examinar como organismos, coletividades, instituições ou práticas discursivas produzem e mantêm a si mesmos. A recorrência sugere uma articulação entre poiesis e autopoiesis que se estende a campos como educação, práticas urbanas, transformações arquitetônicas e processos culturais.

O termo “*architecture*”, com destaque intermediário, aponta para uma presença significativa de debates que relacionam *poiesis* às práticas espaciais. Essa recorrência reforça a pertinência da investigação proposta neste trabalho: existe, de fato, um campo em movimento que vincula criação, espacialidade e modos de habitar.

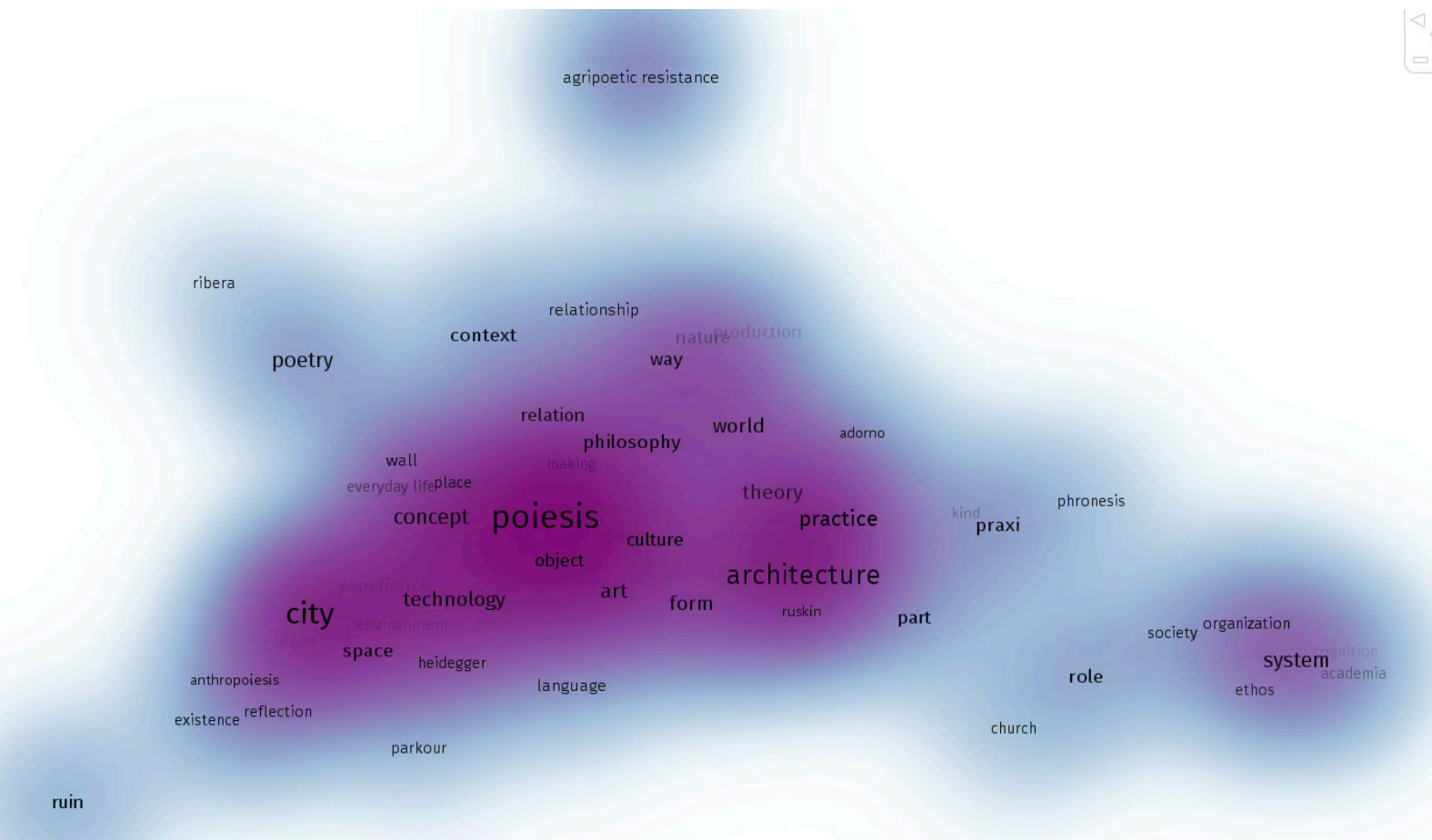
A presença de “Heidegger” revela um eixo filosófico robusto. Em Heidegger, a *poiesis* aparece como modo de desvelamento (*aletheia*) e se articula a temas como o sentido do ser, a técnica, a obra de arte e a experiência do habitar. Seu aparecimento entre as palavras-chave indica que uma parte relevante do corpus está ancorada em leituras ontológicas profundas, possivelmente contrastando abordagens fenomenológicas com perspectivas sistêmicas (como as da *autopoiesis*).



Termos mais amplos, como “*art*”, “*education*”, “*evolution*” e “*poetics*”, embora menos recorrentes, contribuem para delinear o caráter interdisciplinar do conjunto analisado. Tomadas em conjunto, as palavras-chave revelam um **campo conceitual multifacetado**, no qual criações humanas, sistemas auto-organizativos, práticas espaciais e reflexões ontológicas se entrelaçam. Trata-se de um debate que ultrapassa fronteiras disciplinares, articulando ontologia, estética, teoria dos sistemas, fenomenologia e práticas culturais para compreender, simultaneamente, as condições de emergência, os modos de criação e as formas concretas pelas quais diferentes processos se materializam no mundo (Diag. 3).

A nuvem de palavras apresenta a proximidade conceitual entre os termos presentes nos títulos e *abstracts* das referências selecionadas. Diferentemente de um gráfico linear, esse tipo de visualização evidencia zonas de densidade semântica, nas quais se tornam perceptíveis núcleos teóricos, campos de disputa e tensões conceituais que atravessam o material analisado. No centro da nuvem, marcado pela maior intensidade visual, destaca-se “*poiesis*” como eixo articulador, em torno do qual gravitam termos relacionados à criação, ao fazer humano, à constituição de mundos e à produção cultural. Isso reforça que o conceito não aparece de modo isolado, mas funciona como chave interpretativa transversal. A proximidade entre “*poiesis*”, “*architecture*”, “*art*”, “*practice*”, “*theory*” e “*form*” indica a existência de um campo híbrido entre estética, ontologia e práticas espaciais. Esse bloco conceitual sugere debates sobre como espaços, formas e práticas são produzidos e interpretados não apenas enquanto entidades materiais, mas como fenômenos culturais e existenciais. A aparição de termos como “*philosophy*” e “*concept*” evidencia que tais relações são tematizadas de forma explicitamente teórica, dialogando com tradições fenomenológicas, hermenêuticas ou sistêmicas.

Em outra direção, observa-se um pólo semântico voltado à cidade e ao espaço urbano – com termos como “*city*”, “*space*”, “*technology*”, “*environment*”, “*experience*”, “*wall*”



e “*everyday life*”. Esse agrupamento indica a presença de discussões sobre como a poiesis se manifesta na vida cotidiana, nos modos de habitar, na relação entre corpo e espaço e nas transformações tecnológicas da vida e da experiência urbana. Termos como “*parkour*”, “*reflection*” e “*ruin*” sugerem abordagens que envolvem práticas corporais, memórias e narrativas urbanas, bem como processos de destruição e reconstrução simbólica. Do ponto de vista socioespacial, esse conjunto aponta para leituras que compreendem o ambiente construído como campo de ação poética – um espaço no qual usos, sentidos e modos de existência são continuamente criados e reinscritos.

Há também um conjunto de palavras associado a sistemas – “*organization*”, “*society*”, “*role*”, “*ethos*”, “*cognition*”, “*production*” e “*relationship*”. Embora menos central, esse agrupamento evidencia a interface entre *poiesis* e abordagens sistêmicas, apontando para debates sobre estrutura social, processos organizacionais e dinâmicas de autoformação coletiva. A presença de “*phronesis*” – do grego, indicando sabedoria prática ou prudência – e “*praxi / praxis*” indica um interesse explícito pela dimensão ética e prática da ação, sugerindo articulações entre *poiesis* e *phronesis*. Ora, retomando Lefebvre, constata-se uma tendência moderna à separação dessas instâncias, produzida pela “repetição e pela reprodução burocrática e irrefletida da vida” (Nakahara, 2021, p. 400). No entanto, como afirma o próprio filósofo, há a necessidade de recompor sua unidade:

Poiesis esquece que é também *práxis*: ação sobre os homens por meio das obras e da fala, educação, formação, fundação. Quanto à *práxis*, ela se estabelece no plano das trocas pelo discurso, pelo comércio, pelos contratos. Esquece que foi inicialmente *poiesis*: criação de um mundo humano habitado e habitável, morada de uma verdade na comunidade (Lefebvre, 2016b, p. 152, tradução nossa).

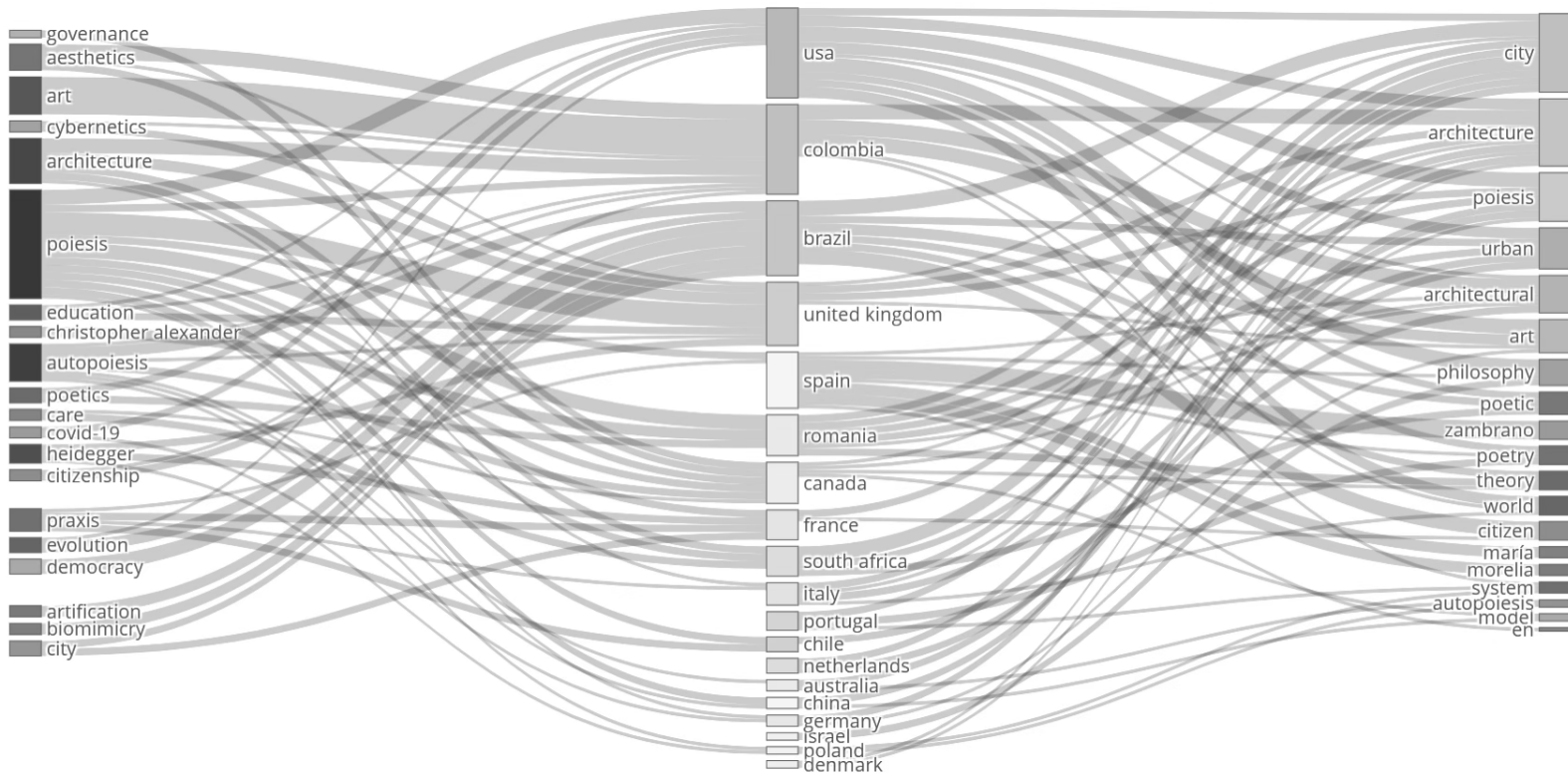
Esse deslocamento conceitual identificado na nuvem de palavras indica que a literatura não compreende a criação apenas como produção formal, mas também como ação situada, coletiva e orientada por dimensões éticas e prudenciais, aproximando a *poiesis* de práticas associadas à vida cotidiana e aos modos de apropriação do mundo.

Por fim, aparecem termos periféricos como “*agripoetic resistance*”, “*architectural response*”, “*church*”, “*academia*”, “*society*” e “*nature*”. Embora dispersas, essas ocorrências revelam margens discursivas que incluem resistência política, práticas culturais específicas, instituições, religiosidade e ecologia. Sua posição periférica na nuvem sugere temas emergentes ou abordagens minoritárias que, embora ainda não constituam um núcleo teórico consolidado, ampliam o campo ao introduzir questões ético-políticas, ambientais e institucionais, enriquecendo a complexidade das discussões sobre *poiesis*.

Em síntese, a imagem revela um campo conceitual densamente estruturado em torno de *poiesis*, que se desdobra em três direções principais: **(1) Estética · Ontologia · Espaço** – um eixo que articula poiesis, arte, arquitetura e prática, indicando debates sobre criação, forma e produção do mundo; **(2) Cidade · Cultura · Tecnologia** – discussões socioespaciais relativas ao habitar, à experiência urbana e às transformações tecnológicas que modulam a vida cotidiana; **(3) Sistema · Organização · Práxis** – reflexões voltadas a estruturas sociais, ética prática e processos de auto-organização coletiva.

A partir dessa estrutura conceitual identificada no diagrama anterior – organizada em três grandes vertentes que conectam *poiesis* à criação, ao espaço e às práticas sociais –, torna-se possível examinar como tais debates se manifestam no plano internacional. O diagrama seguinte (Diagrama 4) integra países, palavras-chave e termos recorrentes nos títulos das publicações, permitindo observar não apenas a frequência temática em cada contexto nacional, mas também as diferentes formas pelas quais *poiesis*, arquitetura e questões urbanas são mobilizadas – apropriadas, reinterpretadas, combinadas – globalmente. O resultado é um panorama no qual a circulação de ideias não se dá de forma homogênea: cada país mobiliza seu vocabulário teórico a partir de condições socioespaciais específicas, tradições intelectuais próprias e problemáticas locais. No centro dessa constelação conceitual encontra-se *poiesis*, associada a uma ampla gama de termos tanto nas palavras-chave quanto nos títulos (Diag. 4).

Países como Estados Unidos, Colômbia, Brasil e Reino Unido exibem conexões particularmente densas com conceitos ligados à arquitetura, ao urbano e à cidade. Essa sobreposição sugere que, nesses contextos, a poiesis tende a ser mobilizada como criação espacial, produção de ambientes urbanos e chave interpretativa para compreender práticas cotidianas do habitar. Observa-se que, em países atravessados por intensos processos de urbanização e desigualdades socioespaciais, como Brasil e Colômbia, além da dimensão estética e artística em destaque, os debates tendem a incorporar discussões sobre disputas sociais, reconhecimento, modos de vida e formas de resistência cultural – evidenciadas pela associação recorrente com os termos “democracia”, “cidadão”, “cidadania”, bem como “artificalização”. Também se evidencia a presença de termos como “*autopoiesis*” e “biomimética”, que apontam para possíveis investigações interdisciplinares em diálogo com as ciências naturais e biológicas. Já nos Estados Unidos e no Reino Unido, o vínculo entre poiesis, cidade e arquitetura parece articular-se mais frequentemente a debates teóricos sobre formas urbanas, bem como tecnologias e práticas culturais, bem como sobre relações ampliadas entre técnica, sociedade e mundo – conforme indicado pela presença de termos como “filosofia”, “educação”, “cibernética” ou “mundo” –, revelando aproximações igualmente orientadas por perspectivas interdisciplinares, porém com enfoques distintos.



Na Europa Ocidental – especialmente Reino Unido, Espanha, França, Alemanha, Itália e Portugal – as conexões se deslocam para discussões mais conceituais, em sintonia com tradições filosóficas consolidadas. Termos como “filosofia”, “poética”, “teoria”, “*autopoiesis*” e “sistema” aparecem com persistência, indicando abordagens que tratam a *poiesis* como categoria ontológica, estética ou epistemológica. O foco recai, nesse caso, sobre interpretações fenomenológicas, frequentemente em diálogo com autores como Heidegger e com debates sobre forma, sentido e produção de mundo. Esse uso mais teórico contrasta com o enfoque mais diretamente associado à produção do espaço observado em parte das Américas – em que termos como “arquitetura”, “cidade” e “urbano” comparecem de forma mais consistente –, revelando como diferentes tradições intelectuais podem modular formas distintas de mobilizar o mesmo conceito.

Em países da Europa Oriental e em partes do Sul Global – como Romênia, África do Sul e Chile – o diagrama revela um padrão mais fragmentado, mas não menos expressivo. Termos como “cidadania”, “cuidado/ assistência”, “sociedade”, “modelo”, “organização” e “*praxis*” sugerem que, nesses contextos, a poiesis é mobilizada como ferramenta crítica para analisar práticas sociais, processos políticos e formas de participação. Com efeito, a *poiesis* parece estar associada, nesses países, a questões de transformação social, ética prática e reconfiguração coletiva, indicando uma apropriação mais voltada ao impacto social e às realidades vividas. Isso demonstra que, mesmo com menor volume de publicações, esses casos revelam usos distintivos do conceito, marcados por preocupações políticas, comunitárias e situadas.

O diagrama evidencia ainda micro-ecossistemas conceituais formados em países específicos, onde termos como “governança”, “covid-19”, “Christopher Alexander”, “María Zambrano” ou “Morelia” podem indicar interesses próprios, tradições acadêmicas e literárias localizadas ou temas emergentes. Essas presenças pontuais mostram que,

além de um núcleo temático global, existe um conjunto de abordagens situadas que amplia o campo e pode revelar outras formas de pensar o ato criativo, o habitar o espaço e as práticas sociais.

Assim, em consonância com a análise geográfica, o diagrama sugere que a circulação de conceitos como *poiesis*, arquitetura, cidade e teoria não é neutra nem uniforme. Em síntese, delineiam-se: (1) uma articulação predominante entre *poiesis*, produção do espaço e vida cotidiana nas Américas e em parte do Reino Unido; (2) um regime filosófico-conceitual mais evidente na Europa Ocidental, centrado em fundamentos ontológicos, estéticos e epistemológicos; e (3) uma recorrência, presente em partes do Sul Global e da Europa Oriental, que mobiliza a *poiesis* como instrumento crítico para interpretar práticas sociais e possibilidades de transformação coletiva.

Poiesis e produção do espaço: análise qualitativa integrada da literatura contemporânea

Conforme indicado na seção de Metodologia, além da análise quantitativa foi conduzida uma análise qualitativa destinada a complementar o método, dada a especificidade do tema. Partiu-se dos filtros de relevância das bases de dados consultadas, considerando indicadores como *CiteScore*, *Scimago Journal Rank* e *Source Normalized Impact per Paper*. A partir deles, procedeu-se à leitura dos artigos mais bem ranqueados, compondo uma Revisão Narrativa da Literatura (RNL), cujo objetivo foi sintetizar e interpretar essas referências de modo contextual e comparativo, tendo como horizonte a elaboração de uma análise qualitativa integrada.

Os textos foram examinados à luz de três perguntas norteadoras:

- 1) Inserem-se no debate do Capitaloceno ou desenvolvem abordagem crítica adjacente que identifica o capitalismo como vetor das desigualdades socioambientais?
- 2) Propõem alternativas para a cidade e o urbano nesse contexto?
- 3) Dialogam diretamente com a arquitetura e urbanismo, o habitar ou a produção do espaço urbano?

Os resultados dessa etapa foram sistematizados em torno de três grandes temáticas relacionadas à produção do espaço: a arquitetura, a cidade e, de forma transversal, o habitar.

1) Poiesis + Arquitetura: o Oikos como nível da presença ressonante

Compreender a relação entre arquitetura e poiesis na literatura contemporânea exige, antes de tudo, situar a poiesis como dimensão espacial: um modo de fazer e produzir que implica apropriação, experiência e, sobretudo, pertencimento. Indissociável dessa perspectiva está sua relação com o imaginário e com o coletivo. O direito à cidade e, por extensão, o habitar lefebvriano têm como fundamento a apropriação coletiva: “A apropriação não oblitera, mas transforma a natureza – o corpo e a vida biológica, dados o tempo e o espaço – em bens humanos. A apropriação é a meta, o significado, o propósito da vida social” (Lefebvre, 1978b [1967], p. 164–165, tradução nossa).

No contexto contemporâneo marcado pelos efeitos do Antropoceno – ou, mais precisamente, do Capitaloceno – essa tarefa adquire urgência renovada. Diante das crises ecológicas, da erosão das escalas de percepção e da crescente abstração tecno-científica do ambiente, a arquitetura passa a ser analisada não apenas como intervenção material, mas como gesto poiético capaz de reinscrever a vida humana – e não humana – em modos mais sensíveis, criativos e coletivos de habitar. Dois textos se destacam nesse debate: *Anthropoiesis: Slow listening to scalar extremes at the Venice*

Biennial (Daroy et al., 2024) e *An ecopoetic architect: The resonate presencing of material properties and environmental conditions in the case of Jørn Utzon* (Andersen, 2022). Ambos exploram como a arquitetura pode operar como *poiesis* e reabrir o acesso ao *oikos* – o espaço compartilhado da existência terrestre.

No primeiro caso, o projeto *Anthropoiesis*, apresentado na Bienal de Veneza, propõe um deslocamento perceptivo por meio da escuta, explorando a arquitetura como performance sonora capaz de revelar escalas invisíveis do Antropoceno. A introdução do artigo descreve a instalação como uma tentativa de articular efeitos geológicos, temporais e sensoriais do impacto humano:

A escala da existência – incluindo o momento humano – foi exposta como porosa e transgressiva, deslizando entre limites de tempo, espaço e percepção. Essa escala nebulosa define e obscurece nossa experiência do Antropoceno – a era desorientadora em que os humanos alteraram a estabilidade do planeta pela primeira vez na história geológica. [...] Esta obra buscou mostrar como a performance sonora multidisciplinar pode transcender escalas lógicas de tempo e espaço para evocar uma revelação sublime pós-ecológica do estranhamento induzido pelo humano (Daroy et al., 2024, p. 90, tradução nossa).

Essa passagem evidencia a *poiesis* como produção de modos de percepção – relacionando-se, portanto, com uma *aesthesis* –, criando um regime de escuta capaz de expor o entrelaçamento entre humanos e não humanos e de restituir aquilo que a vida tecnológica e urbana tende a ocultar: a coexistência multiescalar da Terra. Essa “escuta lenta” é apresentada como um modo de revelação – um processo poiético que desmonta a percepção habitual e abre espaço para novas modalidades de habitar. Em outra passagem, os autores afirmam:

Apoiesis é também um “trazer à luz”, um “desabrochar” da consciência, seja impulsionado por uma ação criativa deliberada ou pela natureza (Heidegger 1977:289). Isso foi fundamental para o nosso objetivo: examinar como a performance poderia sobrepor diferentes expressões da “natureza” por meio de técnicas multidisciplinares (arte) para evocar um momento limiar de *poiesis* (ação) no público, através da escuta atenta aos extremos escalares” (Daroy et al., 2024, p. 91-92, tradução nossa).

O que se observa, portanto, é uma tentativa de deslocar a arquitetura da ordem da forma para a ordem da experiência – temporal, ética e ecológica. A *poiesis* assume aqui o papel de tornar sensíveis escalas que o olhar humano ordinário não alcança – geológicas, heterogêneas, temporais – e, assim, desestabilizar a relação instrumentalizada que marca o Antropoceno. Essa perspectiva aproxima-se, em certa medida, da abordagem lefebvriana do poiético, sobretudo ao evidenciar seu potencial de articular diferentes níveis e dimensões da realidade – a vida cotidiana, o urbano, o territorial – a partir do habitar. Nesse sentido, arquitetura e arte podem ativar o conceito de *poiesis* tal como formulado por Lefebvre: não como produtoras diretas do habitar em sua totalidade, mas como práticas capazes de “preparar ‘estruturas de encantamento’” (2016a, p. 134), isto é, de criar condições para que o habitar se instaure. Relembrando as palavras do filósofo:

O produto se reproduz por repetição, equivalência e identificação. Ele reproduz sua condição. A atividade produtora tende a se tornar autônoma. Pelo contrário, a atividade poiética não pode deixar de acentuar seu caráter apropriativo. Ela se apropria das condições exteriores transformando-as, isto é, todos os fragmentos da unidade fragmentada. É econômica, social, política, técnica, implica um saber e um mercado etc. Longe de se tornar autônoma, estabelece um nexos de comunicação, uma mediação universal (Lefebvre, 1983, p. 243-244, tradução nossa).

É nesse horizonte que a reflexão de Andersen (2022) apresenta afinidades com a perspectiva aqui desenvolvida, ao analisar a fenomenologia da arquitetura a partir da obra de Jørn Utzon e mostrar como materiais, luz, topografia e condições ambientais podem ser trazidos à presença por meio da atividade poiética. Para o autor, a divisão ontológica entre cultura e natureza constitui uma força motriz central da crise ecológica contemporânea; por isso, uma das tarefas fundamentais da arquitetura é restituir a continuidade entre humanos, materiais e mundo.

Sua análise das obras de Utzon – guiada pela articulação entre o *oikos* (do grego, significando casa ou lar) e a *poiesis* arquitetônica – desenvolve-se por meio de descrições longas, sensoriais e densamente fenomenológicas, que tratam as construções como experiências encarnadas de materialidade e espaço. Em uma das passagens mais significativas, referente às casas de Fredensborg, Andersen escreve:

Aproximando-se do sítio, no topo de uma colina suave, ao longo de uma estrada estreita e sinuosa, encontra-se uma série de muros de tijolo fechados. Ritmicamente acentuados por grandes chaminés, o espaço duro e multifacetado dá a impressão de deslizar lentamente colina abaixo. [...] Os materiais pertencem à paisagem: a argila foi moldada, queimada e empilhada para formar os volumes quentes e cintilantes de tijolo. Portas e janelas pintadas de vermelho acentuam nítidos limiares entre o interior e o exterior. As casas de Fredensborg dão ao observador uma sensação nutritiva de habitar pacífico na encosta da colina sob o céu (Andersen, 2022, p. 332, tradução nossa).

A descrição – quase literária e com traços do percurso anteriormente realizado por Norberg-Schulz – evidencia como a *poiesis* arquitetônica pode consistir em desvelar o ambiente, os materiais e a luz como portadores de sentido. O que emerge é uma arquitetura que não opera pela separação entre natureza e construção, interior e exterior, técnica e material, mas que opera justamente na fricção ativa entre esses termos. A *poiesis* aparece, então, como a atividade de produção de mundos sensíveis inerente ao habitar, em que espacialidades e sentidos emergem das relações estabelecidas entre as condições ambientais do lugar – como luz, vento, cheiros, texturas, atmosferas, topografia e materialidade – e a experiência humana. Essa leitura reverbera a discussão heideggeriana do habitar, na medida em que a *poiesis* não apenas revela o mundo, mas participa da constituição de modos de existência. Em vez de impor forma a uma matéria passiva, a arquitetura coloca em presença elementos que atravessam o lugar, reintegrando o humano ao ambiente e deixando em suspensão, ao menos parcialmente, a separação ontológica moderna entre sujeito e objeto.

A conclusão do artigo de Andersen pode ser lida como uma espécie de teoria geral da *poiesis* arquitetônica. Em síntese, ele afirma:

O fazer arquitetônico pode ser compreendido como uma presença ressonante de propriedades materiais e condições ambientais que convida à participação do observador em um processo dinâmico de vir-à-presença, por meio de efeitos materiais, articulação tectônica e expressão estrutural. (...) A ecopoética na arquitetura – entendida como a presença ressonante (poiesis) de propriedades materiais e condições ambientais experienciadas (*oikos*) que convidam à participação – pode, assim, ser uma forma profunda de inspirar um habitar sustentável em cuidadosa consideração ao capital natural da Terra finita (Andersen, 2022, p. 335, tradução nossa, grifos do autor).

Diante do que foi apresentado, torna-se evidente a necessidade de espacializar o poiético para compreendê-lo como dimensão decisiva da arquitetura contemporânea. Mais ainda: confirma-se – tanto em Lefebvre quanto na literatura recente – que o habitar pressupõe a poiesis. As leituras aqui mobilizadas convidam-nos a retornar às reflexões heideggerianas, nas quais o habitar aparece associado à materialidade e ao logos – não como racionalidade formal ou instrumental, mas como modo de relação com o mundo que implica um “demorar-se junto às coisas” (Heidegger, 2012a, p. 131). Lefebvre, por sua vez, apropria-se dessa noção, conferindo-lhe densidade espacial. Nos exemplos analisados, percebe-se que habitar como poeta é condição de resistência à redução do urbano a mero produto, restituindo-lhe sua dimensão corpórea, criativa e sensível, por um lado, e coletiva/ compartilhada e social, por outro. Como escreve o próprio Lefebvre:

Até então, “habitar” era participar de uma vida social, de uma comunidade, aldeia ou cidade. A vida urbana detinha, entre outras, essa qualidade, esse atributo. Ela, deixava habitar, permitia que os cidadãos-cidadãos habitassem. É assim que ‘os mortais habitam quando salvam a terra, quando esperam os Deuses... quando conduzem seu ser próprio na preservação e no uso ...’. Assim fala do habitar, como poeta, o filósofo Heidegger (Essais et Conférences, p. 177-178) (Lefebvre, 2016a, p. 23-24).

O que emerge desse diálogo é uma concepção de arquitetura como prática poiética que reinscreve o humano no oikos – entendido não apenas como unidade funcional da moradia, mas como núcleo de organização da vida cotidiana em seus diversos níveis (biológico, social, econômico e político) – e que, ao produzir uma “presença ressonante”, torna-se capaz de transformar modos de existência e formas de relação com o mundo. Trata-se, portanto, de uma dimensão fundamental da vida social e pedra angular de qualquer poiesis espacial. É nesse movimento que se reabre um horizonte de formas de habitar fundadas em outras relações com a natureza – pautadas não na dominação, mas na apropriação, para utilizar o léxico lefebvriano. Assim compreendida, a poiesis arquitetônica torna-se um instrumento crítico diante da crise ecológica e uma via promissora para a reinvenção de espaços nos quais possamos, mais uma vez, habitar poeticamente a Terra.

2) Poiesis + Cidade: as mediações entre techné e physis

Além do oikos – nos termos de Lefebvre, referente ao nível micro ou P –, a poiesis pode operar como instrumento teórico capaz de ultrapassar as abordagens técnico-burocráticas que dominam a produção do urbano e que alimentam, em grande medida, a crise contemporânea das cidades. Como “mediação dentre as mediações” (Lefebvre, 2016a, p. 52) – referente ao nível M lefebvriano – e obra coletiva, a cidade se constitui como campo intermediário das relações sociais, econômicas e políticas, e se organiza por meio de relações dialéticas diversas, como aquelas entre poiesis e práxis, manifestas nas tensões entre apropriação e dominação, criação e repetição (Lefebvre,

1972; 1978a), bem como entre *physis* – entendida aqui não apenas como natureza em sentido estrito, mas como o movimento de surgimento, crescimento e manifestação próprio das coisas – e *techné*, compreendida como fazer ou produção humana.

Assim, compreender as práticas espaciais urbanas a partir de sua dimensão poiética na literatura contemporânea permite compreender em que medida essas abordagens se alinham ao debate crítico sobre o Capitaloceno, isto é, propõem alternativas à produção hegemônica do espaço urbano. Nesse sentido, o artigo *The Techné and Poiesis of Urban Life-Forms* (Lobo, 2021) oferece um diagnóstico estreitamente vinculado a essa discussão, ao mostrar como a tecnologia, sobretudo no ambiente urbano, não é apenas um suposto instrumento neutro de eficiência, utilidade ou produtividade, mas uma força constitutiva das formas de vida:

A tecnologia não é apenas um processo de tornar o entorno mais conveniente e eficiente. Também é uma intervenção em uma forma de vida e em um modo de experimentar o mundo. É um lugar-comum apontar como a tecnologia estende sentidos e agências humanas: o microscópio e o telescópio estendem nossa capacidade de ver partes do mundo antes pequenas ou distantes; a bicicleta estende nossa capacidade de locomoção. Com a crescente dependência de tecnologias como *smartphones*, alguns proclamam uma era transumana do ciborgue. Contudo, o uso da tecnologia para modificar nossa forma de vida parece constitutivo da própria vida humana – basta pensar em como a domesticação do fogo e a invenção da cozinha modificaram nosso trato digestivo. (...) Nesse sentido, a tecnologia não é apenas uma *techné*, mas também pode ser considerada *poiesis* – a produção de algo que não existia antes. Como a poesia, a tecnologia produz novos mundos (Lobo, 2021, p. 38, tradução nossa, grifos nossos).

A *techné*, no contexto urbano, não se reduz ao funcionamento de equipamentos ou à eficiência das infraestruturas: ela cria mundos, produz modos de perceber e, assim, participa ativamente da produção do espaço. Ao analisar cidades responsivas ou “*smart cities*”, baseadas no uso de big data e na coleta de dados emocionais de pedestres, Lobo mostra como o urbano torna-se laboratório de extração incessante de informações, não apenas reorganizando a forma como a experiência citadina é sentida e compreendida, mas também alimentando novas estruturas de poder e controle. Com efeito, tais processos “contribuem (para bem ou para mal) para uma mudança radical na maneira como nos relacionamos com as cidades” (Lobo, 2021, p. 38, tradução nossa). Nesse cenário, a arte (em geral) e a literatura (em particular) são trazidas pela autora como possibilidades de desvelamento dessas transformações urbanas e culturais: desde o Baudelaire interpretado por Benjamin até figuras ficcionais contemporâneas, como o personagem que compila em mapas eletrônicos todas as informações geoespaciais do planeta – de sistemas de comunicações, sítios arqueológicos a índices demográficos, de preços e sistemas jurídicos – até o passageiro “U” preso num aeroporto, deslizando a tela de seu smartphone diante de um mundo em que as informações se tornaram a nova moeda corrente.

O texto *A Phenomenological Approach to Water in the City: Towards a Policy of Letting Water Appear* (Dicks, 2014), por sua vez, embora trate especificamente da água na cidade, dialoga com o mesmo problema ao mostrar como a modernidade tende a converter elementos vitais em abstrações quantificáveis. Inspirando-se em Bachelard e Illich, Dicks recupera a ideia de que a água – antes associada ao sonho, à imaginação material e à experiência poética do mundo – passou a ser compreendida predominantemente pela racionalidade científica e pela engenharia moderna como

simples recurso. Em suas palavras:

Assim como a cidade não era uma porção de espaço descrita por coordenadas cartesianas, mas um lugar em que se podia habitar, a recuperação do espaço urbano não deveria envolver apenas viver em um ambiente sem poluição hídrica, mas permitir que a água estimulasse a imaginação e a capacidade de sonhar (Illich, 1986 apud Dicks, 2014, p.2, tradução nossa).

Assim como a tecnologia digital transforma a percepção urbana, Dicks analisa como a água teve seu potencial poético reduzido ao ser convertida em entidade quantificável e gerenciável. Para fundamentar essa crítica, o autor recorre a Heidegger: seu argumento é que o *Ge-stell* – o enquadramento técnico ou armação, que desafia, explora, extrai e armazena a natureza segundo os princípios da necessidade – tende a ocultar a dimensão poética do desvelamento, ou seja, encobre outros modos pelos quais algo vem à presença. Com efeito, em Heidegger (2007), a técnica é um modo de desabrigar – trazer do ocultamento ao descobrimento – aquilo que não o faz a si mesmo sozinho. Diferentemente de uma flor que desabrocha por si só, uma casa ou um navio precisam ser trazidos à presença por uma ação produtora humana. A técnica, nesse sentido, não é mero aplicar meios, mas um modo de conhecer (episteme) e de levar algo à luz; por isso, pertence ao campo mais amplo da poiesis. Não se trata, portanto, do mero aplicar meios, mas do verdadeiro atuar no desabrochar, de participar desse florescimento. Como enfatiza Dicks:

Heidegger prossegue observando que, em sociedades de consumo desse tipo, já não é mais possível habitar: “Agora, ainda existe, nestes tempos, algo como um ‘lar’, um habitar, um abrigo? Não, existem ‘máquinas de habitar’, centros urbanos de população, em suma: o produto industrializado, mas não mais um lar” (Heidegger, 2003, p. 74 apud Dicks, 2014, p. 6, tradução nossa).

Ainda assim, os autores analisados também oferecem propostas e alternativas. Para Lobo, a poiesis atua como potência crítica: literatura, arte e práticas interpretativas podem aguçar nossa percepção e sensibilidade, fazendo frente às fantasmagorias e aos “*data analytics*”, ao tornar visíveis as transformações tecnológicas que afetam nossa experiência da cidade. Como afirma, “obras literárias podem ser lidas como oferecendo uma perspicuidade diferente acerca de como organizamos nossas práticas sociais em sua forma mais plástica, a saber: a cidade” (Lobo, 2021, p. 39, tradução nossa). Em Dicks, por sua vez, a alternativa não assume apenas um viés crítico, mas sensível: trata-se de “deixar a água aparecer”, isto é, recuperar sua dimensão de physis e poiesis, como possibilidade de trazer-à-presença, reconfigurando o espaço urbano não apenas como infraestrutura hídrica, mas como campo de experiência sensível, imaginação e convivência com o não humano.

Nesse sentido, ambos os autores aproximam-se da crítica ao espaço urbano produzido e experimentado no Capitaloceno, no qual a vida urbana é continuamente quantificada, capturada e modelada por parâmetros técnicos, econômicos e preditivos – nos termos lefebvrianos, limitando-se à cidade-produto, repetitiva e tecnocrática. Por isso, propõem alternativas fundamentadas na recuperação da poiesis como horizonte crítico e criativo; e tratam diretamente do habitar e da produção social do espaço urbano, apontando para uma participação sensível e reflexiva daqueles que “habitam”. Mesmo que de forma indireta, suas abordagens dialogam com os postulados de Lefebvre. Como sintetiza Nakahara (2021, p. 384): “a cidade seria, nesta direção, a obra perpétua dos seus habitantes, contrária à ideia de receptáculo passivo da produção e das políticas de planejamento: isso conformaria a participação”.

3) Poiesis + Festa: a dimensão compartilhada do habitar

Por fim, investiga-se a articulação entre os termos centrais da pesquisa, isto é, aqueles que, dentro do recorte teórico desenvolvido, mostram-se indissociáveis para compreender a *poiesis* como perspectiva de construção de sentidos alternativos para o urbano e a cidade. Para isso, recuperamos Heidegger: se afirmamos que habitar pressupõe poiesis, é necessário compreender que o habitar antecede o construir – não como anterioridade cronológica, nem como condição ontológica abstrata que isolaria o ser de sua inserção no mundo, mas como modo de evidenciar a relação constitutiva entre humano e mundo –, ressaltando a urgência de sua retomada frente ao contexto do Capitaloceno:

Não habitamos porque construímos. Ao contrário, construímos e cultivamos à medida em que habitamos, ou seja, à medida em que somos como aqueles que habitam. (...) a essência de construir é deixar-habitar. A plenitude de essência é o edificar lugares mediante a articulação de seus espaços. Somente sendo capazes de habitar é que podemos construir (Heidegger, 2012a, p. 128-139).

Tais postulações reverberam na produção contemporânea, que reinterpreta a poiesis heideggeriana tanto em práticas de mobilização social (Battin & Rystakova, 2020) quanto na compreensão do habitar como dimensão transversal entre humano e mundo (Múnera Barrios, 2016). Convergem, assim, para a compreensão de que habitar é inseparável de um modo de levar-à-presença – um fazer poético de participação no mundo e de transformação de suas condições de existência. Em *Aproximaciones conceptuales sobre lo humano, el habitar y la estética en disciplinas creativas como el arte, la arquitectura y el diseño* (2016), Múnera Barrios destaca:

A tese principal se centra na noção de ‘habitar’ como lugar transversal entre o humano e o mundo das coisas, cuja compreensão pode encontrar-se no sentido da atividade do homem, pois o habitar ‘enquanto se cria, se habita e funda o existir’ (Heidegger, 1994). (...) Pretende-se ir além dos limites do humano como conceito para refletir sobre o habitar e a cultura a partir das práticas criativas (Múnera Barrios, 2016, p. 155, tradução nossa).

A partir dessa perspectiva, habitar – conceito mobilizado pela autora a partir do campo da arquitetura – articula dimensões da experiência, envolvendo “tudo o que deriva do comportamento humano, da linguagem e da imaginação. Os hábitos humanos e as formas de vivenciar a cultura, a tecnologia, a ética e a estética fazem parte disso” (Múnera Barrios, 2016, p. 157, tradução nossa). Tal perspectiva faz eco à abordagem heideggeriana, em que o habitar é entendido não apenas como residir ou ocupar um espaço, mas como forma de existência criativa, na qual o sujeito se produz e se revela em seus modos de agir, construir, simbolizar e interagir com o mundo. Destacam-se, assim, as dimensões sensíveis e estéticas deste habitar, que constituem o modo como os humanos percebem, significam e transformam o ambiente:

O resultado que se espera apenas busca superar a distinção entre o mundo material e o humano; assunto que convém para a compreensão atual de disciplinas como a arte, a arquitetura e o design, entendidas tradicionalmente como disciplinas do fazer (Múnera Barrios, 2016, p. 156, tradução nossa).

Aqui, o habitar é apresentado como espaço de síntese: lugar onde humano e material se coproduzem e onde a estética se torna terreno de inteligibilidade das formas de vida. Além de ressaltar o habitar como movimento de superação das dicotomias

modernas, essa passagem evidencia a afinidade entre a perspectiva poiética do habitar e a arquitetura – eixo central desta pesquisa.⁴ Assim, a estética – sobretudo em sua dimensão sensível e afetiva, ligada às afecções e às formas de experiência sensível mais do que ao belo formal – aproxima-se da própria poiesis, entendida como trazer-à-presença, ou seja, uma operação fundamental que altera os regimes de visibilidade e sensibilidade: ambos “colocam o ser humano em relação com o mundo”, que são os significados da arquitetura, da arte e do design (Múnera Barrios, 2016, p. 159).

Ademais, o habitar – em sua natureza apropriativa já destacada – assume também uma dimensão ética, política e espacial, sendo esta última entendida pela autora como uma noção transversal nas relações entre ser humano e mundo, visto que: “o espaço é criado enquanto o habitamos em ação; daí a ideia de espacialidade como uma atividade ou prática criativa” (Múnera Barrios, 2016, p. 168). Essa compreensão reverbera o pensamento lefebvriano, particularmente no contexto atual, ao sugerir que a transformação das relações sociais passa necessariamente pela produção do espaço e pela superação dos limites das ciências (ou disciplinas) parcelares. Nos termos da autora:

O objetivo contemporâneo é tentar reconstruir a humanidade em meio a um mundo desumanizado, onde o materialismo reina supremo sobre os indivíduos. Essa é uma responsabilidade que exige o envolvimento de todas as disciplinas. Trata-se de fundar criativamente a própria vida, uma vida mais humana, para além das estruturas modernas, sejam elas formais ou dinâmicas humanas (Múnera Barrios, 2016, p. 158, tradução nossa).

Habitar, aqui, é instaurar modos de vida que resistam às formas de alienação e instrumentalização do mundo técnico moderno. Mais uma vez, a poiesis aparece como condição do habitar: só se habita quando se participa ativamente do processo de desvelamento do mundo. Essa relação torna-se ainda mais clara em diálogo com Battin e Rystakova (2020). Embora trabalhem no contexto das mobilizações digitais e do *fan activism*, sua leitura de Heidegger evidencia que a poiesis é o fundamento que convoca o humano a se envolver, agir e habitar o mundo de maneira engajada:

Uma interpretação heideggeriana da poiesis é o componente crítico que desperta e sustenta campanhas ativistas de fãs, pois esse conceito revela como somos afetados pelo mundo e compelidos a engajar-nos, ou habitar, nele (Battin & Rystakova, 2020, p. 63, tradução nossa).

Aqui, o verbo habitar aparece explicitamente como tradução de *dwelling*, indicando que o engajamento com o mundo – arquitetônico, estético, digital ou social – constitui o próprio habitar. A *poiesis*, nesse sentido, vai além da criação artística ou técnica, seja *mimesis* ou *techné*: é um processo de abertura ao mundo que nos convoca a responder e participar. Por isso, os autores recuperam sua relação com o termo grego *synoikismos*, associado à ideia de “habitar junto na mesma casa” (Battin & Rystakova, 2020, p. 66), indicando uma unidade comunal manifesta por encontros, celebrações, banquetes, teatros, festivais etc. Essa perspectiva se reforça ao considerar o papel

4 Isso se torna especialmente relevante, dado que a publicação foi localizada a partir da associação entre poiesis e habitar, e não entre poiesis e arquitetura. Tal deslocamento é particularmente significativo para esta pesquisa, pois sugere que a aproximação entre poiesis e arquitetura pode ser formulada de maneira indireta, por meio de elaborações teóricas sobre o habitar. Desse modo, a afinidade identificada confirma a centralidade do habitar como mediação entre ambos os termos, indicando que o vínculo entre poiesis e arquitetura excede sua explicitação terminológica na literatura especializada.

da poiesis na formação de comunidades de fãs, que se mobilizam não apenas por interesses individuais, mas em torno de um nós compartilhado. A *poiesis* aparece, assim, como fundamento de um habitar coletivo, no qual narrativas e afetos comuns produzem espaços de sentido que ampliam a experiência cotidiana do mundo. Nesse contexto, o habitar engendra um território simbólico e relacional, capaz de transformar a realidade, sobretudo à luz da abordagem heideggeriana. Como reforçam os autores:

O desvio do foco da análise existencial do *Dasein* para questões do habitar (*wohnen*), onde, através da revelação poética proporcionada pela *poiēsis*, o *Dasein* é capaz de sondar a essência do ser – seu caráter temporal. (...) Deve ficar, portanto, bastante claro que essa suposta virada do *Dasein* para o habitar chama a atenção para como o *Dasein* não apenas se situa no lugar, mas também é convocado em vários intervalos para nutri-lo. A relação do *Dasein* com o lugar está sempre ligada à imediatidade de sua própria existência (...). A diferença, agora, diz respeito a como o humor e a compreensão do *Dasein*, dependentes da situação, são direcionados para oportunidades de nutrir, preservar e permitir que o mundo seja em seu próprio desdobramento. Nas próprias palavras de Heidegger: “o caráter fundamental do habitar é poupar, preservar” (1977, p. 328)” (Battin & Rystakova, 2020, p. 74, tradução nossa).

Como se percebe, os autores enfatizam que habitar é poupar, preservar, nutrir ou, ainda, “cultivar um mundo”, o que indica que a poiesis implica não apenas um cuidado ético e afetivo pelo mundo, mas também se realiza por meio de ações significativas, políticas e pelo engajamento com causas sociais ou coletivas. Esse cuidado se efetiva por processos que revelam, dão a ver e abrem espaço para aquilo que permanecia oculto. Não seriam estas algumas das dimensões da festa sugerida por Lefebvre? Essa perspectiva evidencia ainda mais a indissociabilidade entre *poiesis*, habitar e a dimensão coletiva, coprodutiva e compartilhada da vida social. Com isso, vislumbramos uma concepção ampliada de habitar, que não se limita ao plano teórico, mas nos auxilia a pensar instrumentos, práticas e caminhos que possam traduzir a *poiesis* na transformação do espaço urbano, gerando resistências, insurgências e desvios frente ao urbanismo funcionalista, e abrindo possibilidades de reencantamento desse próprio mundo.

Considerações finais

Considerando o conjunto de resultados obtidos, foi possível observar que a *poiesis* constitui uma categoria teórica promissora para compreender formas alternativas de produção do espaço e do habitar no debate contemporâneo da Arquitetura e Urbanismo. Apesar de ainda pouco explorados, os esforços teórico-conceituais indicam um caminho em construção, com potencial para reorientar práticas e metodologias arquitetônico-urbanísticas. Em particular, nos países do Sul Global, a *poiesis* aparece associada à busca por instrumentos de mobilização social e pela produção coletiva e contra-hegemônica do espaço.

O levantamento realizado na produção acadêmica recente aponta que, embora ainda apareça de maneira relativamente restrita na literatura especializada, sua presença tem crescido em discussões relacionadas à arquitetura, à cidade, à experiência urbana e às práticas de participação social. A análise bibliométrica evidencia que a poiesis articula-se em ao menos três níveis: (i) ressignificando o *oikos* e associando-se à *aesthesis*, por meio da criação espacial e arquitetônica que produz uma “presença ressonante”; (ii) vinculando-se às experiências urbanas e às transformações da vida cotidiana, ao recuperar outros sentidos da *techné* e de suas relações com a *physis*;

e (iii) tomando seu movimento por meio de processos de participação, apropriação e construção coletiva de sentidos, em aproximação à dimensão da festa lefebvriana. Tais resultados indicam que, ainda que de maneira fragmentada, a *poiesis* vem sendo mobilizada como instrumento crítico para refletir sobre modos de habitar que ultrapassam abordagens estritamente técnicas ou funcionais da produção do espaço.

Em suma, do ponto de vista qualitativo, os trabalhos analisados demonstram que a *poiesis* é frequentemente associada a práticas que procuram restabelecer vínculos entre experiência, sensibilidade, participação e produção espacial. Nesse sentido, a literatura revisada converge para a compreensão do habitar como processo ativo de apropriação e construção de mundo, aproximando-se das formulações de Henri Lefebvre acerca do habitar *poiético* e do direito à cidade. Embora mobilizada de modos distintos, a *poiesis* revela-se, assim, como eixo articulador capaz de (re)conectar arquitetura e cidade, indicando possibilidades para repensar a produção do espaço para além de suas determinações técnicas e funcionais.

A partir dessa perspectiva, argumentamos que a *poiesis* pode ser compreendida não apenas como conceito abstrato, mas como instrumento teórico-metodológico e crítico para pensar o habitar contemporâneo: tanto como resistência ao ímpeto predatório do Capitaloceno quanto como abertura para práticas de transformação do espaço e produção de alternativas ao modelo hegemonicamente constituído. Ao mesmo tempo em que amplia um campo de investigação ainda pouco explorado na Arquitetura e Urbanismo, essa abordagem aponta possibilidades para pesquisas futuras sobre participação, apropriação e produção coletiva do espaço.

Referências

ANDERSEN, Nicolai Bo. An ecopoetic architect: The resonate presencing of material properties and environmental conditions in the case of Jørn Utzon. *CRC Press eBooks*, p. 329–336, 8 jul. 2022.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Editora 34, 2017.

BATTIN, Justin; RYSTAKOVA, Elle. Heidegger and Fan Activism: Unveiling the Presence of Poiēsis in Contemporary Online Social Mobilization. *RMIT University*, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10779/rmit.27538143.v1>. Acesso em: 30 nov. 2025.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1985.

DAROY, Alys; MURRAY, Leo; TREES, Kathryn; ZEUNERT, Joshua. Anthropoiesis: Slow listening to scalar extremes at the Venice Biennial. *Performance Research*, v. 29, n. 3, p. 90–98, 2024. <https://doi.org/10.1080/13528165.2024.2452799>

DICKS, Henry. A Phenomenological Approach to Water in the City: Towards a Policy of Letting Water Appear. v. 32, n. 3, p. 417–432, 2014.

FRAMPTON, Kenneth. On Reading Heidegger. In: NESBITT, Kate. (Ed.). *Theorizing a New Agenda for Architecture*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1996. (Originalmente publicado em 1974)

HEIDEGGER, Martin. *Poetry, Language, Thought*. Nova Iorque: Harper Perennial, 2001.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica (1953). *Sci. stud.*, São Paulo, v. 5, n. 3,

p. 375–398, Sept. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662007000300006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 16 Jun. 2026. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006>.

HEIDEGGER, Martin. *Construir, habitar, pensar*. Petrópolis: Vozes, 2012a. (Original de 1951)

HEIDEGGER, Martin. “...poeticamente o homem habita”. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2012b.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LEFEBVRE, Henri. *Contra los tecnócratas*. Buenos Aires: Granica Editor, 1972.

LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. 4. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1978a.

LEFEBVRE, Henri. Introducción al estudio del habitat de pabellón. In: LEFEBVRE, H. *De lo rural a lo urbano*. 4. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1978b. p. 151–172.

LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia*: contribución a la teoría de las representaciones. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1983. (Original de 1980).

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2016a.

LEFEBVRE, Henri. *Metaphilosophy*. Londres: Verso, 2016b.

LOBO, Tea. The Techne and Poiesis of Urban Life-Forms. In: Nagenborg, M., Stone, T., González Woge, M., Vermaas, P.E. (eds). *Technology and the City. Philosophy of Engineering and Technology*, vol 36. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-030-52313-8_3.

LÖRINCZ, Simina Anamaria. Architectonics of Poiēsis: Architectural Creation Reconsidered. *Humanities - Arts and Humanities in Progress*, Volume 29. Springer Cham, 2024.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *Autopoiesis and cognition: the realization of the living*. Dordrecht: Reidel, 1980.

MEDRANO, Leandro. et al. *A presença de Henri Lefebvre no debate acadêmico contemporâneo da arquitetura*. PARC - Pesquisa em Arquitetura e Construção, v. 8, n. 3, p. 170–180, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/parc.v8i3.8650261>. Acesso em: 13 jun. 2024.

MÚNERA BARRIOS, Ginette. Aproximaciones conceptuales sobre lo humano, el habitar y la estética en disciplinas creativas como el arte, la arquitectura y el diseño. *Iconofacto*, v. 12, n. 19, p. 154–169, 2016.

NAKAHARA, Carolina Akemi Morita. *Do habitat ao habitar poético: participação, apropriação e utopia em Henri Lefebvre*. 2021. Tese (Doutorado) - FAUUSP, São Paulo, 2021. doi:10.11606/T.16.2021.tde-10012022-130103. Acesso em: 15 Mar 2022.

NESBITT, Kate. (Ed.) *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory 1965–1995*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1996.

NEVES, Leticia de Oliveira. et al. *Revisões sistemáticas da Literatura: Parte I*. PARC - Pesquisa em Arquitetura e Construção, v. 8, n. 3, p. 141–143, set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc/article/view/8651561>. Acesso em: 12 jun. 2024.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. (Original de 1872).

NORBERG-SCHULZ, Christian. The phenomenon of place. In: NESBITT, Kate. (Ed.). *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory 1965–1995*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1996a.

NORBERG-SCHULZ, Christian. Heidegger's thinking on architecture. In: NESBITT, Kate. (Ed.). *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory 1965–1995*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1996b.

PÉREZ-GÓMEZ, Alberto. *Architecture and the crisis of modern science*. Cambridge/London: MIT Press, 1983.

ROZESTRATEN, Artur. *Representações: imaginários e tecnologia*. Tese (Livre-docência). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ROZESTRATEN, Artur. *Poéticas dos lugares: entre a hegemonia e a autonomia radical das imagens – uma reflexão crítica sobre iniciativas iconográficas institucionais WEB e experiências sensíveis em Lyon e São Paulo*. São Paulo, FAUUSP/ FAPESP, 2020.